

**AUTOR:**

**WILLIAN DA FONSECA JÚNIOR**

**201400193**

**ORIENTADOR :**

**PROF.DR ADILSON PEREIRA**

**TÍTULO:**

**PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA SOB O FENÔMENO TRIBAL**

## RESUMO

Este estudo tem como finalidade apresentar reflexões acerca das práticas corporais de aventura tendo como enfoque o fenômeno tribal. Procura evidenciar olhares através do que seriam as culturas ancestrais e a influência dessas culturas no meio urbano, apresentando suas reconfigurações. A metodologia adotada se caracteriza como descritiva, delineada por uma revisão bibliográfica. Traçamos a análise de signos referindo-nos às práticas corporais de aventura como estilo de vida e ideologia, que se manifestariam de modo natural ou quando representados no meio urbano, expressando sensações e emoções com vistas ao resgate de uma pretensa comunhão com a natureza. A influência da mídia tornaria a cultura mais competitiva, afastando os indivíduos do modelo lúdico, esse que, por sua vez, é uma questão da potencial intervenção do profissional de educação física no resgate de valores culturais e sociais, envolvidos nas práticas corporais de aventura.

**Palavras-chave:** tribos urbanas, práticas corporais e esporte de aventura.

## ABSTRACT

This study aims to present reflections about the corporal practices of adventure with focus on the tribal phenomenon. It seeks to show glimpses through what would be the ancestral cultures and the influence of these cultures in the urban environment, presenting its reconfigurations. The methodology adopted is characterized as descriptive, outlined by a bibliographical review. We trace the analysis of signs referring to the corporal practices of adventure as lifestyle and ideology, which would manifest in a natural way or when represented in the urban environment, expressing sensations and emotions with a view to the rescue of a pretended communion with nature. The influence of the media would make the culture more competitive, distancing the individuals from the playful model, which in turn is a question of the potential intervention of the physical education professional in the rescue of cultural and social values involved in the corporal practices of adventure.

**Keywords:** urban tribes, body practices and adventure sports.

## INTRODUÇÃO

As práticas corporais de aventura, sendo elas praticadas em meio natural ou em ambiente modificado ou impactado, ainda são objeto de intervenções e pesquisas. A cultura das práticas corporais de aventura foi construída reunindo elementos da ancestralidade tribal e outros próprios da cultura urbana. Há de se considerar que os sujeitos que estão presentes em uma e outra realidade não são os mesmos; afinal, na tribo ancestral estaria presente a necessidade de afirmação da coragem, talvez por algum aspecto que permita estabelecer a transição de uma fase infantil para outra reconhecidamente adulta. Nesse sentido, no meio urbano outras questões estariam subjacentes à constituição das práticas corporais de aventura. A coragem, com certeza, seria uma virtude requerida para o bom exercício dessas práticas. Contudo, mal conhecidas, quando não preconceituadas, essas práticas corporais teriam a tendência de serem esvaziadas de seu real sentido, sobretudo quando traduzidas meramente como produtos mercadológicos, vendidos das mais variadas formas.

Em que medida a realidade tribal teria relação com essas práticas que ocorreriam em meio urbano? Ou ainda, por quê muitas dessas práticas recorrem ao contato com a natureza? Essas questões estariam subjacentes ao que pretendemos analisar como problema de nossa investigação, a saber: quais os elementos desencadeadores das práticas tidas como de aventura ou ainda, designadas como radicais, em relação àquela memória ancestral tribal?

Poderíamos, possivelmente, identificar que os praticantes dessas atividades seriam designados também como membros de algum tipo de tribo. Essa, por sua vez, poderia ser compreendida como uma tribo urbana. Assim, temos muitas questões para relacionar com o nosso problema, em que podemos situar: a dimensão tribal ancestral, a dimensão tribal urbana e as relações que uma e outra teriam para promover o sentido dessas práticas corporais.

Enfim, o objetivo do presente trabalho é investigar as práticas corporais de aventura, não somente como forma de lazer, mas sobretudo por sua relevância cultural como interação, linguagem corporal social, expressão tribal e todas

sensações vivenciadas pelo corpo; e como essas questões influenciam na formação da identidade dos sujeitos que a elas se dedicam.

Como metodologia, essa pesquisa é caracterizada como descritiva. Segundo Triviños (1987), a pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o que ele deseja pesquisar. Segundo o autor esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade. Também é uma pesquisa delineada por revisão bibliográfica, em conformidade ao que é estabelecido por Gil (2007). Por fim, as fontes utilizadas são provenientes de revistas acadêmicas, artigos científicos, livros e outras referências bibliográficas.

Para uma exposição sintética dos argumentos, o presente trabalho será dividido em quatro partes, abordando aspectos históricos do que consideramos fenômeno tribal; a relação desses aspectos com a cultura urbana; destacando a relação das práticas corporais de aventura com o âmbito mercadológico; e, por fim, acreditamos que as intervenções dos profissionais de educação física poderiam ser orientadas no sentido do resgate de valores que estariam agregados a essas práticas corporais.

## **PRÁTICAS CORPORAIS ANCESTRAIS: A TRIBO EM QUESTÃO**

A vivência tribal é sedutora e atraente, porque nos remete à “Ancestralidade Primordial”, aquela que reinaria no profundo de nossa memória cultural e que estaria em nosso inconsciente. No passado, a relação do homem tribal com a natureza era de um encontro pleno e totalizador, que se constituía no encontro do humano com o sagrado e com o universo, em que o mundo visível e invisível se relacionavam de modo intrínseco. Esse era o sentido da consolidação e proteção do grupo tribal, mesmo que geograficamente isolado e culturalmente limitado, ali, integrados à natureza se sentiam protegidos, diante de um universo desconhecido e ameaçador (ANDRADE, 2010).

Ainda que os tempos sejam outros e que a sociedade no seu processo evolutivo tenha avançado, induzindo o distanciamento social, paradoxalmente a

denominada pós-modernidade tornou os indivíduos afeitos à busca da constituição tribal, basta vermos como as redes sociais concebem grupos, com fortes tendências a se fecharem em códigos próprios, as verdadeiras tribos urbanas. Diferentemente do caráter ancestral das tribos primárias, as emergentes do meio urbano não mais se relacionam com a natureza de modo integral, compreendendo-a de modo parcial, reificado e objetivado (ANDRADE, 2010).

Há, nesse sentido urbano, uma possível perda de identidade, que favorece o isolamento e a despersonalização, em que todos são submetidos à “sujeitos sem cara” dentro da emergente sociedade de consumo. Com certeza, esse afastamento do modelo tribal ancestral demandou a constituição de um outro tipo de homem, além disso o resgate dessa memória tribal ancestral seria utópico, dada a distância e a total ressignificação que a cultura urbana construiu.

Se, por um lado a questão tribal urbana é um fenômeno marcado por características da própria cultura pós-moderna, por outro, as práticas corporais que estariam subjacentes nesse modelo tribal devem ser melhor investigadas. De acordo com Munhoz (2004), são diversas as nomenclaturas designadas a este tipo de prática., como, por exemplo, “Esporte de Aventura” que talvez tenha um maior apelo midiático. Já outros nomes são utilizados com frequência em trabalhos científicos, são eles: Esportes em Integração com a Natureza, Esportes Radicais, Esportes de Aventura na Natureza, Esportes Californianos, Esportes em Liberdade, Esportes Selvagens, Atividades Deslizantes de Aventura, Atividades Esportivas de Diversão, Turísticas de Aventura, Esportes Tecnológicos e Novos Esportes.

Quanto ao significado do termo “práticas corporais”, Lazzarotti *et. al.* (2010, p.18) investigou entre os materiais por eles estudados, algumas justificativas que representam uma atenção com conhecimentos subjetivos, particulares e gerais, colocados em ação nas práticas corporais, apontando uma compreensão de corpo oposto ao biologicismo. Assim, a utilização de práticas corporais, ao contrário de atividades físicas, proporciona uma percepção amplificada das inúmeras dimensões humanas, não se limitando apenas a uma visão biologicista, mas percebendo o corpo através de construções culturais e sociais. Segundo os autores, entre os artigos que apresentam a conceituação, identificaram os seguintes elementos argumentativos:

São identificadas como manifestações culturais que enfocam a dimensão corporal, característica, segundo os textos analisados, não presente na perspectiva dos pesquisadores que utilizam o conceito de atividade física; Buscam superar a fragmentação identificada na constituição do ser humano e denotam uma crítica à forma de organização da vida contemporânea e seus desdobramentos no corpo; Apontam para uma ampliação conceitual deste termo com elementos das ciências humanas e sociais e tencionam com uma concepção de ciência pautada na objetividade e neutralidade; Exemplificadas, principalmente, como esporte, ginástica, dança, luta, tai-chi, yoga, práticas de aventura, jogos; Destacam-se as diferenças e contrastes entre as práticas corporais orientais e as ocidentais; Externam uma preocupação com os significados/sentidos atribuídos às práticas corporais por parte dos sujeitos que as praticam, para além de sua utilidade mais pragmática; Apresentam finalidades como promoção da saúde, educação para sensibilidade, para estética, para desenvolvimento do lazer e para o cuidado com o corpo. (LAZZAROTTI et al, 2010, p. 18-19)

Observamos que as práticas corporais se reconfiguram ao longo dos tempos para atender às demandas de quem as pratica, conforme nos aponta Cardoso, Silva e Felipe (2006, p.80).

O homem primitivo passava pouco tempo fixado em certa localidade, quer seja pelo esgotamento dos recursos naturais ou pela falta de vínculos afetivos com o local. Com o advento da agricultura o homem pode se fixar a terra, formando com a mesma, vínculos de sustento e apreciação. A sistematização do deslocamento humano de um local para outro com o passar do tempo (turismo), tornou-se uma das atividades econômicas mais importantes da atualidade [...] (CARDOSO; SILVA E FELIPE, 2006, p.80)

São relatadas desde o século XIX, que as práticas corporais ao ar livre, em contato com o meio ambiente que se encontra ainda selvagem, oferece a possibilidade de desfrutar de seus elementos naturais em meios aquático, terrestre ou aéreo.

## **PRÁTICAS CORPORAIS URBANAS: A TRIBO EM QUESTÃO**

Maffesoli (2000) define tribos urbanas como grupos estruturados compostos, predominantemente, de indivíduos que se associam por assimilação

comum a cultos, práticas corporais, estilo musical e formas de lazer típicas, localizados em um determinado tempo. Uma tribo pode se caracterizar por uma naturalidade descontraída, seguindo uma visão prazerosa que valorizaria o presente do aqui-agora.

Para Brunhs (2009), o agrupamento de tribos pode se caracterizar por determinados indivíduos que procuram encontrar uma válvula de escape da rotina maçante imposta nos grandes centros urbanos pela sociedade, buscando através das práticas corporais de aventura, esvaziar sentimentos antagônicos, vivenciados na semana de trabalho. Nesse sentido, a tribo, conseqüentemente, seria formada de grupos com interesses semelhantes, observados em suas rotinas. Diferente do que compreende Maffesoli (2000), que acredita que a formação das tribos, vai muito além de interesses similares, tornando-se um estilo de vida e ideologia, e que traz um aspecto maior do homem natural, afastando-o cada vez mais do modelo capitalista e consumista.

Um dos elementos que estaria inserido nas tribos urbanas e que receberia tal enfoque de investigação, seria a relevância do corpo na sociedade . Pinto (1993), por exemplo, defende o valor da cultura como formador de signos inscritos no corpo, argumentando que o humano espelha a forma de seu ser individual culturalizado em sua corporeidade, de tal maneira que o corpo não retrataria apenas sinais inscritos nele mesmo, mas também seria mensageiro da interioridade subjetiva que expressa.

Pode-se citar ainda, na defesa da relação corpo/cultura, a colocação de Bruhns (1994, p.43), quando a autora ressalta:

(...) a mais simples observação em torno de nós mesmos poderá demonstrar que o corpo humano é afetado pela religião, pela profissão, pelo grupo familiar, pela classe social e outros intervenientes sociais e culturais. (BRUHNS, 1994, p.43)

Ainda, no que diz respeito à relevância da influência da cultura sobre o ser humano por meio de seu corpo, mostra-se pertinente a colocação de Daolio (1995, p.40):

(...) mais do que um aprendizado intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural que instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões. Em outros termos, o homem aprende cultura por meio de seu corpo. (DAOLIO, 1995, p.40)

Assim, parece haver uma justificativa, nos estudos sobre o assunto, quanto ao homem apresentar inúmeras variações no tratamento do seu corpo, bem como nas formas de se comportar corporalmente, que revelam ao longo de sua história, as relações desse corpo com um determinado meio inserido ou contexto social. Ao analisarmos os movimentos exercidos pelos praticantes das práticas corporais de aventura, observamos que procuram dar uma forma, uma harmonia, um estilo a seus movimentos, e que a concepção de corpo é semelhante à veiculada na sociedade de forma geral, em que ter um corpo ativo, em forma, é vital para praticar bem as particularidades de cada modalidade e se sentir parte da tribo.

Maffesoli (1988) compreende com suas análises que o fenômeno denominado tribal estaria presente ainda na sociedade moderna e que esse, por sua vez, seria expresso por diversos tipos e segmentos. Haveria, segundo sua análise, uma espécie de sincretismo de diversos modos e estilos de vida e que dariam um caráter singular aos grupos urbanos.

Maffesoli (2005, p. 79) ainda correlaciona a relevância de grupos ou tribos que dividem um ambiente físico. Segundo ele: “as emoções partilhadas e consolidadas seriam vividas como fatos constituídos por e para as tribos que inscreveram suas histórias neste lugar”. Nos dias atuais, há uma variedade de espaços físicos de encontros que possibilitam agrupamentos de pessoas para o compartilhamento de sensações. Tais sensações podem ser representadas como conexões emocionais ou festivas, oposto de algo simplesmente racional e prático (PITTA, 2005).

Poderíamos exemplificar com uma tribo, que contestaria os valores de produção e do consumo, o movimento hippie, que ocorreu na década de 60 nos EUA, em que se buscava um estilo de vida nômade e uma comunhão integral com a natureza. Podemos observar que a aventura pode ser compreendida como característica de diversas práticas corporais em nosso cotidiano urbano, grupos que se relacionam com expressões similares, em que destacamos a “Tribo dos

Surfistas”, cujos membros de cabelos geralmente parafinados, roupas leves, óculos escuros e uma linguagem bem específica do grupo que, frequentemente, são caracterizados por um estilo de vida no qual se podem se expressar de forma rebelde, marcada por um juventude californiana influenciada pela sensação de liberdade e independência, diferente do que nos referem os nativos havaianos que expressaria a prática como uma forma de cerimonia religiosa, cultural e social segundo Leonard Lueras (1984, apud RIBEIRO, 2003).

Um outro exemplo seria a “Tribo do Skate”, oriunda do surfe em momentos em que o mar estaria “flat”, gíria utilizada por surfistas quando o mar está sem ondas, desta forma iriam “surfear no asfalto” surgindo uma nova modalidade constituída de adolescentes de ambos os sexos, que apresentam estilos de se vestir típicos da prática mencionada (camisões, roupas folgadas, bonés). Assim, de certa forma, esses signos passam a ser uma característica de comunicação entre os membros dessa “tribo”, uma espécie de linguagem corporal que são transmitidas através da comunicação verbal com o uso exagerado de expressões orais, aquelas denominadas “gírias”.

Nessa esteira de exemplos estariam a tribos de “pichadores” e grafiteiros, que através da mesma ferramenta de trabalho poderiam passar pensamentos e mensagens antagônicas para a sociedade. Os “pichadores” são visualizados de uma forma agressiva que é expressada como protesto ou insulto, assinaturas pessoais, demarcação de território ou até mesmo mensagens “filosóficas”, já o grafite tem um apelo estético maior, tornando-se uma importante ferramenta de comunicação urbana a fim de transmitir mensagens de cunho social, político, humanitário, cultural e sobretudo artístico, sendo socialmente aceita.

Utilizando a aventura como fator primordial ou apenas como um elemento, as práticas de pichação ganham maior importância para essa tribo, conjugada ao maior o grau de dificuldade para a colocação e visualização de sua marca, acreditando-se no ganho de maior respeito que aqueles membros poderiam adquirir. Utilizando esse exemplo poderíamos pensar: isso ocorreria em outras tribos?

Os jovens geralmente denominam as práticas corporais de aventura como um pensamento de mudança, já que ela é carregada pelo sentido de flutuação, raciocínio e ação, podendo nos encaminhar para as esferas mais ancestrais e

restritas. Este espírito de satisfação está profundamente presente no radicalismo das práticas em contato com o meio natural. Como podemos observar, a percepção do conceito de radical, excede o aspecto corporal, alcançando as esferas do pensamento, segundo Uvinha (2001, p.21): “A palavra “radical” geralmente sugere dois entendimentos: extremismo, quando aplicada ao campo da política; raiz, quando se busca a origem de algo, frequentemente utilizado, por exemplo, no campo da filosofia”.

Esta busca por sensações purificadoras e libertadoras de êxtase e euforia, que são particularidades da garotada que contagia diversas idades, são fatos recentes em nossa história. De acordo com Tahara e Schwartz (2006), a frequente investigação do ser humano com a natureza, propicia ricas experimentações que aparecem também no estilo de vida dos indivíduos que vivenciam tais práticas de aventura. As práticas corporais de aventura podem ser analisadas como atividades lúdicas, praticadas exclusivamente nos períodos de horas livres designadas ao afastamento do Processo Civilizador, tempo este a que atribuímos de Lazer. De acordo com Marcellino (1998, p.47): “O lazer apareceu na sociedade urbano industrial como uma esfera isolada, contraposta ao trabalho, no interior da vida social, como uma necessidade humana de diversão e confraternização”.

Torna-se relevante, assim, verificar como a vivência na esfera do lazer, pelos jovens, pode mostrar-se intensamente reveladora, elucidando elementos que a análise em outros campos, como o do trabalho ou da família, poderiam não demonstrar. Como destaca Magnani (1988, p.39),

O momento do lazer – instante de esquecimento das dificuldades do dia-a-dia – é também aquele momento e oportunidade do encontro, do estabelecimento de laços, do reforço dos vínculos de lealdade e reciprocidade, da construção das diferenciações. (MAGNANI, 1988, p.39)

A procura pela aventura, pelo inexplorado ou inesperado, afastado dos modelos-padrão urbanos, tem se destacado mais constantemente nas últimas décadas, a partir do momento em que se visualizou uma grande demanda e caça

por vivências naturais, aspectos determinantes que se apresentam na maioria das contemporâneas práticas corporais de aventura que buscam um contato mais íntimo e direto com o meio ambiente natural, no sentido de buscar possibilidades e condições favoráveis de se apropriar de práticas alternativas que auxiliam em uma constante busca pelo equilíbrio físico, mental, social e espiritual e, conseqüentemente, imprimir uma qualidade de vida.

Esta busca contínua de manifestar esporádicas sensações bloqueadas por um sentimento de exaltação foi reflexo intrínseco da própria Teoria do Processo Civilizador. Os períodos ou situações de lazer são primordiais, necessários para possibilitar às pessoas um momento de liberdade ou diria um escape das obrigações, regras que são impostas na sociedade contemporânea urbanizada (ELIAS, 1994). As práticas corporais de aventura estariam inclusas onde se prevalece à satisfação e a busca pelo lazer pleno, pois aí sim a prática torna-se seu real sentido de sensação de libertação ou excitação e de certa forma, descarregar os estresses causados por uma sociedade urbanizada. Ou seja, conforme Neto (apud UVINHA 2001, p. 25), as práticas radicais sugerem “um novo paradigma de ação, ao explorarem o sentido do limite físico e simbólico do corpo”. Sendo assim, segundo o autor, definem-se como “formas de manifestação ordálica (abandono de si ao julgamento dos deuses)”. Le Breton (apud UVINHA, 2001, p. 25) acredita que esse interesse pelo risco seria:

Uma forma de afrontar a morte segundo um modo metafórico, garantir a existência, abandonar provisoriamente o conforto e segurança ou a necessidade antropológica de existência em situações ativas no sentido de um sistema simbólico que estrutura mudanças. (LE BRETON apud UVINHA, 2001, p. 25).

Segundo Ewert (1989), o risco assume um papel importante quanto ao prazer com a vivência, sendo que o desejo de participação da atividade pode diminuir no caso de anulação de tais riscos, igualmente se referimos aos excessos

de riscos pode diminuir a satisfação da prática ou até mesmo a perda do desejo de participação.

Le Breton (2006, p. 96) afirma, inclusive, que nessas práticas o risco seria uma “assombração” em que os praticantes brincam com a sua imaginação: “Deseja-se o risco, mas sem o risco”.

Contudo, iremos analisar essa ascensão das práticas corporais de aventura nas últimas décadas e, como se tornou uma área com um potencial de expansão e possibilidades, uma área que era antes discriminada, hoje, algumas estão se tornando modalidades olímpicas, como o skate, surfe e a escalada que estarão presentes no programa oficial dos jogos Tóquio – 2020. Buscaremos compreender as relações com o mercado consumidor e o que isso interferiu na evolução e expansão de diversas práticas em contato com a natureza. Sabemos que há uma variação enorme de tais práticas, além de como relacionar elas com a área informal e formal de atuação do profissional de educação física.

## **A EDUCAÇÃO FÍSICA NO LIMIAR DA DISCUSSÃO: TRIBO E MERCADO**

### **CONSUMIDOR**

Este notável crescimento de procura por ambientes naturais, também ocasionou uma expressiva consequência no campo desportivo, gerando o aumento da procura das práticas corporais em ambientes naturais e urbanos, habitualmente expressas como “esportes de aventura”. Utilizaremos tal termo por compreender uma relação com o alto rendimento e sua familiaridade com o mercado consumidor, apesar de entendermos que o conceito de esporte que defendemos está interpretado numa concepção alinhada ao pensamento de Tubino (2002), que estabelece três elementos para o esporte moderno: esporte - educação ( quando utilizado como meio educacional ), esporte – participação ( relaciona – se com práticas realizadas por satisfação e lazer) e esporte – rendimento ( direcionado ao treinamento e competições).

A evolução dos esportes de aventura no período da década de 70, começou a gerar diversos movimentos que impulsionaram a prática, como: a criação de normas técnicas por meio da fundação de Associações Nacionais e Internacionais; a sistematização de competições, jogos e eventos; além de um grande aproveitamento de mercado, constatando uma notória preocupação de intervenção clara da teoria do processo civilizador que mencionamos acima nesta área.

A progressiva institucionalização dos “Esportes de Aventura”, levada essencialmente pelo poder transmitido pela mídia, pelo apelo mercadológico, que é resultado ou consequência do aumento significativo de potenciais consumidores em diversas esferas da sociedade. Essas “tribos” levaram a uma preocupação entre profissionais e praticantes destas modalidades radicais, de modo a impedir que a alma ou essência destes determinados esportes de aventura não se tornassem uma busca incessante e acirrada por recordes, competições e resultados, tal como ocorreria com os esportes tornados produtos de consumo.

Há de se ressaltar, que segundo Schwartz (2002), a aventura começa a ser vinculada à mensagens positivas de vida, indicando a geração de autoestima através da prática. De certa forma, a transmissão dessas mensagens positivas pode ser observada nos mais diversos meios de comunicação através da utilização da expressão “aventura” para o comércio de bens e serviços, carros, roupas, viagens, comidas entre outros. Nesse caminho, de certo modo, a aventura indica instaurar um padrão de felicidade. Há que se pensar que em grande parte dessas mensagens estão vazias de apelo ecológico, estimulando um consumo inconsciente de tais produtos.

Diferente do que compreende Durham (1977, p. 32), o consumo não é somente explicado por uma massiva influência dos meios de comunicação, que pode ser representado por uma identidade ou assimilação intensa de conceitos envolvidos em tal situação representada, que segundo ele: “há que se eliminar a concepção simplista que opõe os consumidores aos produtores de cultura em termos de uma aceitação puramente passiva por parte do público, de um material que lhe é impingido de fora”.

No Brasil, desde a década de 80 podemos observar uma grande corrente do estilo de vida saudável, ou comumente conhecida como “Geração Saúde”, e isso se deve muito ao estilo de vida carioca, que em sua grande parte, estavam interligados com práticas corporais de aventura, além da preocupação com o corpo e alimentação denominada como “natureba”.

Os esportes de aventura podem ser altamente lucrativos como decorrência da expressiva relação de praticantes, adeptos, admiradores como, por exemplo, as modalidades de escalada, skate e surfe que possui um grande poder de proliferação e a venda de produtos, tornando assim um potencial econômico específico devido ao grande número de membros nessas determinadas tribos. O Brasil é considerado um país ideal para as práticas de esportes de aventura, devido as suas particularidades como: formações rochosas, costa litorânea, cavernas, rios, entre outros elementos naturais que contribuem para a diversificação de tais modalidades de aventura na natureza.

O quadro abaixo foi elaborado através das informações apresentadas por Uvinha (2001, pág. 103) e, Franco, Cavasini e Darido (2014, pág. 106) que mostram uma divisão das práticas corporais de aventura na natureza fragmentada nos elementos “Ar, Água e Terra”, facilitando a compreensão e relação de cada prática com suas individualidades e vinculação com o elemento em que se atinge.

Quadro 1- Práticas Corporais de Aventura

<b>MODALIDADES TERRESTRES</b>	<b>MODALIDADES AQUÁTICAS</b>	<b>MODALIDADES AÉREAS</b>
Caving	Canoagem	Balonismo
Skate	Kitesurf	Asa Delta
Trekking	Mergulho	Paraquedismo
Corrida de aventura	Rafting	Bungee Jump
Corrida de orientação	Stand up Poddie ou SUP	Tirolesa
Slackline	BodyBoard	Base Jump
Arvorismo	Surfe	Wingsuit

Escalada	Acqua Ride ou Bóia Cross	Parapente
Mountain Bike	Windsurfe	
Rapel		
Parkour		

Fonte: (UVINHA,2001, p. 103) e (FRANCO, CAVASINI e DARIDO, 2014, pág. 106)

O progressivo sistema de integração multinacional, que cria uma geração, que segundo Sá e Brandão (2009), a criação de uma sociedade universal, contribui com uma demanda significativa de meios de informações, através de tais necessidades que se potencializam em massa a propagar conhecimentos ou questões vinculadas a cultura e posteriormente à aspectos mercadológicos.

Depois de demonstrarmos uma extensa variedade de práticas corporais de aventura, a questão é: como o profissional de Educação Física vai dialogar com esse mercado consumidor? Pois, essa relação entre o homem e a natureza, poderá absorver aspectos positivos e negativos, dependendo da qualidade de intervenção do instrutor ou Profissional de Educação Física desenvolvida no ambiente natural em que se encontra. Segundo Vieira (2004) podemos destacar que as práticas corporais de aventura buscam idealizar-se em objeto de pesquisa, interpretando de diversas maneiras aspectos assimilados à sua prática, tendo como exemplo: promoção da saúde, mercantilismo, riscos, superação, encorajamento, socialização, trabalho em equipe, imaginário social, entre outros. Através de artigos analisados, um ponto que fica bem evidente nas pesquisas da área seria a relevância e frequência em que se tratam o cuidado com a consciência ecológica.

Com a crescente procura pelas práticas corporais de aventura, é necessária a formação de profissionais conscientes, capacitados e preparados para atender as demandas existentes que envolvem as práticas. A qualificação e abordagens criteriosas capazes de atentar os aspectos que transpassem além de conhecimentos técnicos, que atuem em questões afetivo-emocionais e educacionais. (FREIRE, 2006).

Tendo em vista que no geral os esportes de aventura são conduzidos por pessoas que não possui formação acadêmica na área da educação física,

geralmente ex-atletas das modalidades, que apesar de possuírem uma rica vivência na prática dos esportes, esbarram nas dificuldades encontradas em determinadas situações por falta de conhecimento ou apenas desinteresse (MARINHO e SCHWARTZ, 2005).

Se analisarmos a esfera do alto rendimento, através da grande competitividade e busca por resultados na contemporaneidade, a exigência quase ao extremo de funções psicológicas, fisiológicas e respostas motoras, se faz necessário uma inserção de profissionais da área da saúde. Assim, exigindo um novo nicho de profissionais de educação física, área que detém de conhecimentos específicos do corpo em movimento, conseqüentemente auxiliando no rendimento dos atletas nas modalidades, tirando seu melhor em cada aspecto através de correção e treinamentos específicos no ato de prevenção, além da melhora das capacidades físicas e reabilitação.

Pessoas que utilizam dessas atividades, sejam elas por lazer ou até mesmo na área formal da educação física, podem adotar outro pano de fundo, no qual lida com as questões abrangentes nas determinadas práticas corporais de aventura, diferente da forma observada pelo mercado como “produto”. Iremos expor a relação dos profissionais de educação física no resgate da dimensão tribal, em que apresentamos nas tribos ancestrais e urbanas, além dos aspectos inerentes à ludicidade e valores enraizados nas práticas corporais de aventura. Tendo por perspectiva o modelo da sociedade de consumo, muitas das vezes são distorcidos ou até mesmo ignorados, e sem dúvida é o papel de professores e educadores físicos, buscarem embasamentos teóricos e práticos das multidisciplinaridades de conhecimentos, principalmente ambientais para compreender o real sentido que se passa por trás de cada atividade impostas no âmbito natural e urbano.

## **A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO RESGATE DA DIMENSÃO TRIBAL PARA O DESENVOLVIMENTO DE PRÁTICAS: O LÚDICO E OS VALORES EM QUESTÃO.**

As práticas corporais de aventura tiveram ascensão e progressão em um período curto se comparadas a outros esportes tradicionais, e são compreendidas, por alguns autores, como esportes “modernos”. Os esportes modernos apresentam

diversas particularidades que o distanciam de seus objetivos lúdicos e valores em questão. O modo competitivo estabelece, no final da discussão, uma circunstância de conquista ou fracasso, distanciando a presença da ludicidade, da comunicação com a natureza, do risco calculado e autoconhecimento, que são aspectos centrais na criação das práticas corporais de aventura.

Para Go Tani *et. al.* (1997, p. 25), o efeito esportivo confronta sentimentos de vitória e de derrota, retratando diretamente como cada indivíduo irá absorver tais sensações que poderá ser algo benéfico ou uma tremenda decepção tirada dessa relação, visto que “O resultado final de uma competição implica, muitas vezes, poucas pessoas terem experimentado sucesso e muitas pessoas terem experimentado insucessos (...) sendo esta uma consequência natural da competição.”

Paiva (2004) ainda contextualiza que, para Maffesoli (2000), as instituições tradicionais perderam em relações prejudicando a sua sintonia. Fato este perceptível nas tribos que a formam, por exemplo, os grupos escolares cada vez mais dispersos, pois sofrem ameaça de amigos “on-line”, comunidades virtuais, e jogos em rede. As pessoas, ainda, substituem suas tribos e membros de referência, essa é gama de valores que perpassa a tribo, pois a constitui, e, por sua vez, ao indivíduo que, também, é formado pela tribo. Guareschi (2005, p.53) expõe que “[...] somos na verdade, algo como uma soma total das relações que estabelecemos em nossa vida”.

A televisão encaminha a cultura esportiva para um ápice. Se, baseados nas teorias do jogo, podemos pensar na ludicidade como último fundamento do esporte, a televisão coloca-nos um problema inverso: como o esporte pode resgatar o lúdico, e como aprender a vivenciar o esporte como experiência lúdica? Esse não é, mas nos parece um processo espontâneo, ele exige aprendizagem, e um permanente esforço de educação por parte dos profissionais da Educação Física.

O esporte como lúdico precisaria ser aprendido ou reaprendido, e os espaços sociais para tal precisariam ser preservados ou criados não somente dinheiro e medalhas como recompensa, mas também o prazer intrínseco da dinâmica lúdica, não só rivalidade, mas cooperação no confronto com outro ser humano. O esporte pode propiciar, mesmo em competições formais, uma

experiência corporal que proporciona satisfação e o bem estar, além de oportunidades de socialização e autoconhecimento no confronto com outro. A televisão raramente nos fala sobre isso.

Através dessas relações a educação pode acontecer com processo de resgate de valores, percebendo que somos muito além de ossos e músculos, somos seres com potenciais a serem estimulados, seres dotados de elementos psicológicos e espirituais, desempenhando um papel importante na contribuição na formação de um cidadão consciente, adquirindo qualidade de vida através de práticas de aventura que de certa forma irá resgatar valores de contato com a natureza. E por que não pensá-la como conteúdo das aulas de educação física na escola? Esse tem sido tema de algumas pesquisas em prol da inserção dessas práticas nos ambientes escolares.

A temática das práticas corporais de aventura constitui um conjunto de práticas recentes dentro da área da Educação Física e pode acontecer sem diferenciação de questões culturais, gênero, interesses competitivos e/ou habilidades motoras. Tal temática pode constituir como práticas de grande poder formativo e, se tratadas de forma pedagógica, podem apoiar de maneira eficiente no trabalho de educar os alunos com os assuntos ligados à educação ambiental e à aprendizagem de algumas modalidades das práticas de aventura.

Segundo Tahara e Carnicelli Filho ( 2013, p. 62) essas práticas no interior da escola possuem um caráter educativo pedagógico, constituindo-se como um conjunto de atividades pedagógicas capazes de proporcionar as crianças e adolescentes uma transmissão eficiente de valores, atitudes e normas que contribuem com a formação humana, através da realização de experiências que causam grande impacto emocional. Esses impactos emocionais dizem respeito às sensações que os alunos vivenciam ao experimentarem tais práticas junto ao meio natural.

Tais atividades podem gerar motivações e interesses diversificados entre os alunos ao participarem das aulas de Educação Física, existindo curiosidade e satisfação naquilo que a prática possa proporcionar em termos de sensações e emoções individuais que podem ser compartilhadas com o grupo, como a percepção de liberdade, o ineditismo na vivência, a questão

dos riscos sob controle, entre outros. (TAHARA; CARNICELLI FILHO, 2013 p. 62)

Segundo Inacio *et. al.* (2015), Bernardo e Matos desenvolveram uma pesquisa para relatar os efeitos dos desportos de aventura nos jovens, analisando a auto percepção e autoestima dos mesmos, e concluíram à pesquisa afirmando que essas práticas de aventura podem ser uma forma inovadora, interessante e motivacional para esses jovens.

A percepção do ambiente é um dos assuntos que poderá ser abordado em relação à educação ambiental, o especialista da área ambiental, Reigota (2007), recomenda que qualquer abordagem de Educação Ambiental deve estar munida de entendimento das representações sociais que as pessoas possuem sobre meio ambiente. O estudo de Reigota (2007) nos mostra a percepção de ambiente dividida em três tipos: a) Antropocêntrico: evidencia a utilidade de recursos naturais para a sobrevivência do ser humano; b) Naturalista: meio ambiente como sinônimo de natureza intocável, em que evidencia somente os aspectos naturais; c) Globalizante: relações recíprocas entre natureza e sociedade. Essa tipologia é simples quanto à compreensão de meio ambiente, e por ser de fácil aplicação tem sido muito utilizada.

O desenho tem sido frequentemente adotado como método de educação para a percepção e as concepções associadas ao meio ambiente tanto de crianças como de pré-adolescentes (REIGADA e TOZONI-REIS, 2004; REJESKI, 1982)

É importante ressaltar que o educador físico saiba ser multidisciplinar e envolver assuntos de outras disciplinas como biologia, história, educação ambiental, além de se especializar em outras técnicas de trabalho como o treinamento desportivo, fisiologia, treinamento funcional, pilates, yoga, entre outros, para que seus conhecimentos continuem em constante evolução, aprofundando cada vez mais nas particularidades de cada indivíduo e sempre tendo um controle sobre as práticas impostas.

O profissional de Educação Física qualificado possui capacidade de analisar, orientar e intervir no treinamento de forma específica para que alunos ou clientes, não só melhore sua condição física em geral (melhora da flexibilidade, força, resistência e equilíbrio), mas também realize um trabalho compensatório a fim

de se evitar possíveis alterações estruturais e lesões, podendo ser causadas pela repetição ou postura inadequada excessiva que as práticas proporcionam.

No caminho da diminuição de possibilidades de riscos, assim aumentando a preocupação com a integridade física dos praticantes, reforçando a ludicidade através de desafios, tornando a prática possível e agradável na relação entre homem e natureza com segurança e compromisso. Assim, resgatando valores que ocorrem até de forma natural nas práticas como, por exemplo, o espírito de cooperação e solidariedade que, além de serem um estímulo, se apresentam como um questão de segurança tanto do outro como de si mesmo, que são consequências de relações expostas ao risco e incertezas entre o resultado, fortalecendo um alto grau de companheirismo entre os praticantes, conseqüentemente auxiliando em outras esferas da vida.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nas abordagens entorno das tribos ancestrais, observamos a relação das práticas corporais de aventura de forma natural ou talvez instintiva, pois não haveria tal significância da palavra “aventura”, que observamos nas tribos urbanas, por se sentirem ligados integralmente ao ambiente natural, diferentemente das tribos urbanas que através do afastamento do modelo ancestral possui relações parciais. Sendo assim, analisamos uma problemática ao tema quanto as suas terminologias, as quais têm gerado diversos questionamentos e problematizado o fenômeno.

Na discussão sobre as concepções de tribos urbanas, referenciadas por alguns estudos que apresentamos no decorrer do trabalho, a criação de determinadas tribos estaria relacionada aos interesses em comum em diferentes aspectos como: espaço físico, vestimenta, linguagem, música e entre outras esferas. Criando assim, uma “ideologia” de vida. Há de se ressaltar que muitas das práticas em meio natural, contém um desejo de resgatar o elo que foi perdido com o distanciamento entre a sociedade e a natureza, além de sentir sensações plenas e totalizadoras como uma fuga da vida cotidiana e da paisagem urbana.

O estudo mostrou que as práticas corporais de aventura estão ligadas à temática do lazer, onde em sua grande maioria seriam vivenciadas no tempo livre, fora das obrigações. O enfoque nas tribos permitiu a investigação sobre o corpo e suas inúmeras variações na concepção e tratamento, bem como nas formas de se comportar e se expressar, relacionando assim, ao longo de sua história, a diferenciação de relações corporais com o determinado tempo e contexto social.

Foi possível verificar que as práticas corporais de aventura tem se transformado em muitas oportunidades ligadas ao consumo, assim podendo ter opiniões divididas quanto aos pontos negativos e favoráveis dessa relação com mídia em massa.

Podemos identificar que a vivência na “aventura” parece conceder a experimentação de novas energias, a procura por novas sensações, na qual prevalece o refinamento dos movimentos e controle do corpo/mente. As diversas possibilidades de se aventurar sejam elas em espaços terrestres, aéreos ou aquáticos, possibilitam conviver com iminente risco, podendo estabelecer um confronto com o desconhecido, superando os limites e uma possível descoberta de si mesmo, além da relação inerente ao risco, que podem influenciar na satisfação do praticante dependendo da ausência ou excesso de risco.

O presente estudo ainda abordou as novas possibilidades de atuação dos profissionais de educação física, seja ela na área educacional, recreativa e alto rendimento, de forma alternativa aos tradicionais métodos de práticas com bola, consequência de uma cultura que se gira nos esportes tradicionais (Futebol, Handebol, Voleibol e Basquetebol). Fazendo análises de representações sociais e relacionando-as com o meio ambiente, o desenho foi um exemplo de identificar a percepção de ambiente de determinado indivíduo facilitando a atividade pedagógica que será adotada na tarefa.

Percebemos que a cultura corporal de cada indivíduo irá se manifestar com o que ele traz de vivências, assim elaborar trabalhos educativos, motivacionais, lúdicos resgatando valores associados às práticas corporais de aventura, e dando ênfase para os aspectos ambientais, auxilia na formação de um cidadão consciente.

Uma investigação mais aprofundada no tema, com pesquisas de campo poderiam contribuir na fundamentação do tema, no entanto, estudar relacionamentos sociais é algo complexo, como foi apresentado, já que a mutação dos homens é refletida na sociedade e suas tribos. Considerando-se também o crescimento da tecnologia para criação de novos grupos, o que, em certas vezes, acabam por substituir as tribos presenciais, os esportes, os amigos da escola ou faculdade, e até a família são trocados por amigos virtuais e comunidades das redes sociais.

## REFERÊNCIAS:

- ANDRADE, E. **Linguagem dos Sonhos: Ancestralidade e vivência tribal**. 2010. Disponível em <<http://alinguagemdossonhos.blogspot.com.br/2010/12/ancestralidade-e-vivencia-tribal.html>> Acesso em: 07 set. 2017.
- BRUHNS, H. T. **A busca pela natureza: turismo e aventura**. Barueri: Manole, 2009.
- BRUHNS, H. T. **Conversando sobre o corpo**. 5 ed. Campinas: Papyrus, 1994.
- CARDOSO, A. R.; SILVA, A.; FELIPE, G. R. A educação pela aventura: desmistificando sensações e emoções. **Motriz**, Rio Claro, v. 12, n. 1, p. 77-87, jan./abr. 2006.
- DAOLIO, J. A. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papyrus, 1995.
- DURHAM, E. R. **A Dinâmica Cultural na Sociedade Moderna**. Ensaios de Opinião. Rio de Janeiro: Ed. Imibia, 1977.
- ELIAS, N. **O processo civilizador: Uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- EWERT, A. **Outdoor Adventure Pursuits: foundations, models, and theories**. Columbus: Publishing Horizons, 1989.
- FRANCO, L. C. P.; CAVASINI, R.; DARIDO, S. C. **Práticas Corporais e a Organização do Conhecimento, Práticas Corporais de Aventura**, Livro 4, Maringá: Eduem, 2014.
- FREIRE, M. **Diálogo entre a educação e a natureza**. In: SCHWARTZ, G. M. (Org). **Aventuras na natureza: consolidando significados**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2006.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- GUARESCHI, P. **Psicologia social: como prática de libertação**. 3. ed. Porto

Alegre: Edipucrs, 2005.

INACIO, H. et. al. Práticas corporais de aventura (na natureza) na Educação Física escolar: uma experiência em escolas da rede municipal de Goiânia. In: XIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, Vitória, 2015.

LAZZAROTTI FILHO, L. A. et al. O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da educação física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 11-29, jan./mar. 2010.

LE BRETON, D. **Risco e lazer na natureza**. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Org). Viagens, lazer e esporte: o espaço da natureza. Barueri: Manole, 2006. p. 94-117.

LUERAS, L. **Surfing. The ultimate pleasure**. Honolulu : Emphasis international, 1984.

MAFFESOLI, M. **O mistério da conjunção**: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Tradução de: Maria de Lourdes Menezes. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1988.

MAGNANI, J. G. Lazer dos trabalhadores. **Revista São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 37-39, jul/set. 1988.

MARCELLINO, N. **Estudos do lazer**: uma introdução. Campinas: Editora Autores Associados, 1998.

MARINHO, A.; SCHWARTZ, G. M. **Atividade de aventura como conteúdo da educação física: reflexões sobre seu valor educativo**. *Lecturas Educación y Deportes*, Buenos Aires, v. 10, n. 88, 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd88/avent.htm>> Acesso em: 15 set. 2017.

MARTENS, R. Competitions: in need of theory. In TANI, GO et al. **Competição no Esporte e Educação Física Escolar**. 1996. In: Saúde Escolar: a criança, a vida e a escola, 1997.

MUNHOZ, J. F.; JUNIOR, L. G. Atividades físicas de aventura na natureza: trajetória na região de São Carlos. In: III CONGRESSO CIENTÍFICO LATINO AMERICANO UNIMEP/FIEP, 2004, Piracicaba. **Anais...** 2004.

PAIVA, C. C. Michel Maffesoli, tribalista de cátedra: interfaces sociais no campo da comunicação. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 11, n. 25, p. 29-39, dez. 2004.

PINTO, L. M. S. Artimanhas do corpo diante do espelho. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 12, n. 1,2,3, p. 6-294, 1993.

PITTA, T. Territórios, arquétipos e tribos. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 12, n. 26, p. 86-91, abr. 2005.

- REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- REIGADA, C.; TOZONI-REIS, M. F. C. Educação ambiental para crianças no ambiente urbano: uma proposta de Pesquisa-Ação. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 10, n. 2, p. 149-159, 2004.
- REJESKI, D. W. Children look at nature: environmental perception and education. **The Journal of Environmental Education**, Washington, v. 13, n. 4, p. 27-40, 1982.
- SÁ, M.; BRANDÃO, L. Esportes Radicais: indícios de uma nova sociedade internacional em um mundo globalizado? **Revista Esporte e Sociedade**, ano 4, n.11, p. 1-16, 2009.
- SCHWARTZ, G. M. **Emoção, aventura e risco**: a dinâmica metafórica dos novos estilos. In: BURGOS, M. S.; PINTO, L. M. S. M. Lazer e estilo de vida. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2002. p. 68-139.
- TAHARA, A. K.; CARNICELLI FILHO, S. A presença das atividades de aventura nas aulas de Educação Física. **Revista Arquivos de Ciências do Esporte**, Uberaba/MG, v. 1; n. 1, p. 60-66, 2013.
- TAHARA, A. K.; CARNICELLI-FILHO, S.; SCHWARTZ, G. M. **Meio ambiente e atividades de aventura: significados de participação**. **Motriz**, Rio Claro, v. 12, n. 1, p. 59-64, jan./abr. 2006.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.
- TUBINO, M.J.G. **Dimensões Sociais do Esporte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, v. 11, 2002.
- UVINHA, R. R. **Juventude, lazer e esportes radicais**. São Paulo: Manole, 2001.
- VIEIRA, V. **Desenvolvimento de um instrumento de identificação de impactos ambientais em práticas esportivas na natureza**. Rio de Janeiro: Universidade Castelo Branco, 2004. 167 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade Humana) Universidade Castelo Branco. PPGCMH/UCB, Rio de Janeiro, 2004.